

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

358. "EM ASSIS, FOMOS TODOS PIONEIROS!"

Em nossa longa e freqüente convivência com o médico e historiador Lycurgo de Castro Santos Filho (1910-1998), falou-nos ele diversas vezes de sua intenção de escrever um livro sobre Assis, a cidade da Alta Sorocabana onde ele viveu alguns anos depois de formado em medicina, mas que já a freqüentava desde muito antes, quando ainda estudante, pois nela morava seu pai, também médico, e que na então pequenina cidade desempenhou numerosas funções, não só no exercício de sua profissão, mas também na vida social e política, chegando a prefeito da cidade. Muito conservamos sobre seu projetado trabalho, trocando idéias não propriamente sobre Assis, que mal conhecemos, pois por ali passamos uma só vez em viagem mais extensa que nos levou ao Pontal do Paranapanema, mas sobre o povoamento da região, assunto que chegamos a ventilar quando estudamos a rede ferroviária paulista.

Mas, nada tivemos a oferecer-lhe. Ao contrário, foi ele quem nos ofereceu o que hoje sabemos sobre a região. O que não nos ficou claro em nossas muitas conversas foi a natureza do trabalho que o saudoso amigo pretendia elaborar: uma monografia histórica, complementando e às vezes até corrigindo o que Arruda Dantas, Adriano Campanhole e outros já haviam escrito? ou um livro de memórias de sua vivência na cidade que ele praticamente viu nascer?

Lycurgo, ao que supomos, não teve o prazer de ver seu livro, publicado por seus familiares numa edição particular, fora do comércio, mas do qual tivemos o prazer de receber um exemplar e foi ele quem nos sugeriu estas notas. Lycurgo abrangeu as duas áreas: um certo e bem documentado apanhado histórico, especialmente das origens e povoamento da cidade, que esclarece muitas coisas e sugere várias outras para futuras pesquisas; e um memorial que revela enorme vivência com a cidade, dados os laços familiares que o prendiam a ela.

Seu pai, como já foi dito, foi levado a trocar a então Capital Federal pela cidade ainda pequenina do interior paulista, por influência de seu cunhado, Dr. Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos, que, em 1919 foi designado para instalar a nova comarca de Assis, tornando-se seu primeiro Juiz de Direito, função que exerceu até 1928, quando foi transferido para Campinas.

Ao dedicar o livro ao pai, à madrasta, aos tios e aos irmãos, teve Lycurgo uma frase feliz, que tomamos para título desta nota: “Em Assis, fomos todos pioneiros!”. Realmente, o pioneirismo é a nota dominante do livro, a começar pelo subtítulo: “Um instantâneo de seus pioneiros”. Dedicou extenso capítulo aos “antigos moradores”, aqueles que, procedentes de diversas regiões, contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Louve-se a segurança das informações que nos transmite sobre esses pioneiros. Segurança que deve ter-lhe custado enormes pesquisas para o aclaramento de dados, tão raros de se encontrar na maior parte das cidades brasileiras.

O fato de seu pai ter sido chefe político do velho PRP permitiu-lhe traçar um retrato muito feliz da vida política de Assis nos seus primeiros tempos, semelhante, por certo, ao de muitas outras cidades surgidas na mesma época. Como também da vida social, de que o autor foi participante, aproveitando ao máximo o que pudesse haver de “social” na cidade: clubes, festas, cerimônias... o que pudesse dar lustre à cidade. Assim também no seu aspecto religioso, pois ao seu tio, o juiz, se deveu a criação do bispado e a construção da respectiva catedral.

Esperamos que seu livro chegue a ser distribuído em Assis. Muita gente - considerando-se que a cidade é hoje sede de uma das mais dinâmicas unidades do grande complexo da UNESP, e com a vantagem de possuir cursos de História - poderá servir-se dele quase como um guia para

novas pesquisas em torno da história da cidade. Poucas localidades do Brasil (podemos falar com certo conhecimento de causa) podem se orgulhar de ter um livro como o que Lycurgo de Castro Santos Filho nos legou. 18-3-2000

359. UM GRANDE ALMEIDA PRADO

O falecimento, há pouco, de Décio de Almeida Prado, noticiado com destaque justo e merecido pela imprensa paulistana, notadamente pelo “O Estado de S. Paulo”, jornal ao qual esteve ele ligado por muitos anos, fez-nos recordar com carinho e simpatia uma das mais expressivas figuras da intelectualidade de São Paulo e do Brasil. Tive o privilégio de tê-lo como colega numa das primeiras turmas da então novel Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, naquele já bem longínquo início de 1936.

Lembro-me bem de quando bati pela primeira vez à porta do belo palácio da Faculdade de Medicina, à Avenida Doutor Arnaldo, onde, no seu início, funcionou a Faculdade de Filosofia. Coincidentemente, Décio e eu comparecemos no mesmo momento para a inscrição ao vestibular. E enquanto aguardávamos a vez de ser atendido pela figura amigável e simpática de Ruy Bloem, secretário da Instituição, não sei o que me levou a perguntar a Décio quem era o diretor da Faculdade que pretendíamos cursar. Sua resposta, inesperada, me surpreendeu: “É meu pai...”. Fiquei realmente surpreso só em pensar que, se fosse aprovado, teria como colega nada menos que o filho do diretor. De fato, seu pai, grande médico e professor da Faculdade de Medicina e, sem dúvida alguma, uma das figuras mais significativas com que São Paulo contava na ocasião, ituano de velhos troncos, ele próprio nascido em Itu, foi o segundo diretor com que contou a Faculdade, substituindo a Teodoro Ramos e dirigindo-a por cerca de dois anos. Nos seus primeiros anos, não tendo ainda a novel Faculdade congregação efetiva, não podia eleger seus diretores. Estes eram tirados de outros institutos universitários e com certa instabilidade, pois durante meus três anos de curso tive quatro diretores. Só em 1939, teve a Faculdade seu primeiro diretor tirado da própria congregação, na pessoa de Alfredo Ellis Júnior.

Não tive oportunidade de convívio com Décio de Almeida Prado, pois matriculamo-nos em cursos diferentes. Mas, ao longo de todos esses anos, desde os tempos de estudante, e nas mais diversas atividades a que nos dedicamos, sempre acompanhei com a maior simpatia a trajetória de Décio. Apenas numa ocasião tivemos maior contacto, isso ao tempo do saudoso Suplemento Literário de “O Estado de S. Paulo”, de que ele era o diretor e eu modesto embora freqüente colaborador.

Ao lado de várias outras atividades, Décio teve no Teatro o centro maior de todas as suas realizações, não só como crítico teatral justamente considerado o melhor do Brasil, mas também como historiador do Teatro, o que lhe propiciou produzir excelente bibliografia, cujo valor foi devidamente ressaltado nas notícias de seu falecimento. Quando da publicação de seu livro sobre João Caetano (1972), tive oportunidade de lembrar, em nota publicada na imprensa, que “difícilmente alguém que não fosse Décio de Almeida Prado escreveria tal livro”. E assim justifiquei a frase. “Sua tríplice formação filosófica, literária e artística, aliada à sua vivência como crítico de teatro e grande conhecedor da história da arte dramática, resultou numa obra que, longe de ser simples biografia ou apreciação sobre os lances principais da carreira de nosso maior ator, representa uma excelente contribuição à história da cultura brasileira no século passado”.

Registre-se, para encerrar, sua participação no grupo da revista “Clima” (década de 40) que revelou a São Paulo e ao Brasil figuras expressivas, embora na época ainda bastante jovens, mas que tiveram profunda influência na vida cultural de então: Alfredo Mesquita, Lourival Gomes Machado, Paulo Emílio Sales Gomes, Décio e Antônio Cândido, este, merce de Deus, o único sobrevivente e merecidamente honorificado, mais de uma vez, como a mais alta expressão cultural do Brasil dos nossos dias. Também companheiro dos primeiros tempos da Faculdade de Filosofia, e cuja evocação me faz recuar à década de 30, quando vivemos em Poços de Caldas... (4-3-2000)

360. DANTE DE LAYTANO (1908-2000)

Nosso excelente amigo e colega do Porto Alegre, Professor Astrogildo Fernandes, freqüentemente nos presenteia com preciosas

cartas pondo-nos a par do que se passa em seu Estado em matéria de atividades culturais, notadamente na área da História, que também é a sua. Sua última carta trouxe-nos, contudo, a triste notícia do falecimento de Dante de Laytano, nosso prezadíssimo amigo e uma das figuras mais representativas da cultura do Rio Grande do Sul. Tivemos por muito tempo um excelente relacionamento e muito lhe ficamos devendo em matéria de conhecimento de temas relativos à história de seu Estado. Há alguns anos, a propósito de seu livro de memórias, publiquei artigo a propósito, não só pelas memórias, mas pelo imenso trabalho por ele realizado. Dante de Laytano parece ter gostado do que escrevi, pois teve a delicadeza de transcrevê-lo em diversos jornais do Rio Grande.

Dante de Laytano, que faleceu aos 92 anos, no dia 18 de fevereiro do ano em curso, viveu sempre no Rio Grande e para o Rio Grande. Tudo o que escreveu - e foi muito - tem essa bem acentuada marca do regionalismo, tomada aqui a palavra no bom sentido do termo. Mas, observamos isso no comentário às suas memórias, seu gauchismo não o isolou no quadro brasileiro; ao contrário, teve sempre um excelente relacionamento em todos os Estados do Brasil e seu livro de recordações pessoais é verdadeiro testemunho de seu espírito, aberto, franco, leal, sempre voltado para a verdade e a seriedade nos trabalhos que empreendeu.

Participou ativa e intensamente de vida cultural do seu Estado. Nem se admitiria uma reunião dedicada a estudos sul-riograndenses a que ele não comparecesse. Sua maneira fidalga, quase sempre bem humorado e sobretudo disposto a servir, era um apanágio que o fazia bem quisto e admirado por todos os que dele se aproximassem.

Um dos recortes da imprensa noticiando seu falecimento e que o Professor Astrogildo gentilmente nos enviou, da cidade de São Gabriel, trouxe carinhoso artigo assinado por Osório Santana Figueiredo, do qual permitimo-nos transcrever tópico que bem assinaríamos:

“Identificava-se nele a humildade arrebatadora do homem erudito que só os grandes de espírito superior sabem tê-la para espargir saber com uma bondade de infinitude luminosa. Com suas palavras amáveis, seus ditos graciosos, seu linguajar apurado, encantava pelo que dizia, pelo que sabia, pelo que falava. E como escritor de inspiração fenomenal, tanto escrevia como falava, como um verdadeiro mestre, ensinando, atraindo simpatia e fazendo amizades e admiradores incontáveis

(...) Deixou, ao Rio Grande do Sul e ao Brasil, um legado de conhecimentos imperecíveis, fontes de sabedoria inesgotável, que o levará para o futuro como um fanal de esplendorosa imortalidade”.

Dante de Laytano presidiu por muitos anos a Academia Sul-Riograndense de Letras e a ele devemos nosso ingresso, como correspondente, nesse egrégio sodalício de Porto Alegre, um dos títulos que mais prezamos em nosso modesto currículo. Pertenceu ao Instituto Histórico do Rio Grande do Sul e, como correspondente, ao Instituto Histórico Brasileiro e diversos Institutos Históricos estaduais, inclusive o de São Paulo.

Sua obra merece uma apreciação, que, se Deus o permitir, talvez ainda façamos. Dante Laytano entendia a História como uma somatória de tudo quanto lhe pudesse trazer alguma contribuição. Daí, ter abordado em sua produção, a literatura, a arte, o folclore, a sociedade e muitas manifestações culturais. (6-5-2000)

361. PERDE MOGI DAS CRUZES SEU MAIOR HISTORIADOR

E com Mogi das Cruzes perderam as letras históricas nacionais figura deveras representativa com a morte há pouco mais de um mês (13 de abril), de Isaac Grinberg, nosso preclaro confrade da Academia Paulista de História. Podemos imaginar como a cidade há de ter pranteado a perda de seu filho tão ilustre e de tanta participação na comunidade para a qual sempre viveu e sobre a qual tanto escreveu. Dez livros pelo menos, deixou ele evocando sua cidade; a um deles, tivemos o privilégio de prefaciá-lo, por nímia gentileza e delicadeza de seu autor. Sua produção historiográfica já nos propiciou escrever sobre ela, num artigo em que insistimos na circunstância de haver ele escrito tanto e tão bem sua cidade. Parece que Isaac Grinberg apreciou o que escrevemos, pois teve a delicadeza de transcrever nosso modesto “rabisco” em jornal de Mogi das Cruzes.

Numa evocação à sua memória, lembraremos o que então escrevemos: “Excetuada o caso de Afonso de Taunay com relação à capital paulista, não sabemos de ninguém que haja escrito dez livros sobre uma mesma cidade, como o fez Isaac Grinberg com relação à sua Mogi das Cruzes. Ou, invertendo os termos, não sabemos de nenhuma cidade

brasileira (afora o exemplo citado) que tenha merecido dez livros de um mesmo autor”. E depois de passar em revista tudo quanto produzira sobre sua cidade, só nos restou concluir: “Felizes as cidades que têm quem lhes evoque a memória com tanta dedicação e proficiência”.

E no prefácio que escrevemos para um de seus livros, procuramos salientar alguns traços significativos de seus trabalhos: “O empenho e a dedicação com que Isaac Grinberg vem se consagrando à história de sua cidade é, até certo ponto, um desmentido à idéia tão generalizada e tão criticada quanto ao desinteresse pela história local, notadamente no Estado de São Paulo. Os livros que já publicou sobre Mogi das Cruzes bem o demonstram. Pesquisador consciente (e paciente...) tanto das fontes impressas como das manuscritas, expositor criterioso de suas conclusões, espírito aberto às indagações e peculiaridades que ocorrem necessariamente em seu campo de trabalho, seus livros primam por externarem as características que apontei em seu comportamento social e intelectual”.

Nos seus livros não ficou nas questiúnculas meramente factuais que, de um modo geral, caracterizam nossas histórias urbanas. Issac Grinberg soube tratar seus assuntos com clarividência. Interessou-se igualmente pela evolução da cidade, sua morfologia, sua cultura, seu folclore, enfim o cotidiano de sua terra, tudo marcado com muita vivência, muita dedicação, muito amor, mas também muito conhecimento.

Isaac Grinberg integrou, merecidamente, o quadro de titulares de duas importantes entidades dedicadas a estudos históricos: o já centenário Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a Academia Paulista de História. Neste, ocupava acadêmica nº 30, que tem como patrono Brasília Machado e fora, anteriormente, ocupada pelo saudoso José Pedro Leite Cordeiro. Foi deveras lamentável que suas condições de saúde obrigaram-no a um afastamento de suas atividades acadêmicas, pois ele era sempre esperado, nas últimas quartas-feiras do mês para nossas reuniões da Academia Paulista de História.

Cumpre-nos observar que, embora a pesquisa histórica fosse a atividade mais marcante de Isaac Grinberg, dedicou-se ele a inúmeras atividades em sua cidade, particularmente na vida universitária, como um

dos reitores da universidade Braz Cubas, entidade pela qual demonstrou sempre um carinho todo especial, que o levou a contribuir para que ela se tornasse uma das entidades universitárias mais renomadas do país. (20-5-2000)